

Retomada da atividade não pode ser considerada como "bolha", diz Musa

por Luis Leonel
de São Paulo

A retomada da atividade econômica não pode mais ser caracterizada como uma "bolha", na opinião do presidente da Rhodia e diretor-geral adjunto do grupo francês Rhône-Poulenc, Edson Vaz Musa. "Desde novembro do ano passado que notamos que a economia está se reerguendo", afirmou.

As razões, segundo Musa, podem ser resumidas em cinco pontos: a) uma política cambial correta; b) aumento do poder aquisitivo de trabalhadores pertencentes a setores sindicalmente organizados; c) programas de exportação que elevaram os embarques mensais de manufaturados de US\$ 1,5 bilhão para US\$ 2 bilhões; d) crescimento da produção na indústria automobilística, como resultado do acordo da Câmara Setorial, puxando atrás dela diferentes segmentos de indústrias fornecedoras; e e) estabilização e em alguns casos retomada do nível de emprego.

Segunda Musa, a política cambial adotada pelo Brasil tem levado muitas empresas a recorrer ao mercado financeiro internacional para obter empréstimos destinados a manter seu capital de giro. A Rhodia, por exemplo, trouxe entre 1991 e 1992 cerca de US\$ 200 milhões dos Estados Unidos e da Europa para o Brasil, através de mecanismos comerciais como os "commercial papers", para financiar seu capital de giro. "Isso está ocorrendo cada vez mais com muitas empresas", falou Musa.

Para corroborar sua análise, o presidente da Rhodia recorre novamente aos números da empresa. Segundo ele, na comparação de novembro de 1991 com o mesmo mês de 1992 (época de dissídio salarial para a maioria dos 9 mil empregados

da empresa), a massa salarial paga pela Rhodia em dólar aumentou 22%. "Estamos reajustando acima da política do governo e acima da inflação também", explicou. "Isso está acontecendo também com outros setores."

Por último, ele cita que as exportações da Rhodia cresceram 85% em 1992, comparado a 1991, atingindo US\$ 135 milhões. Neste ano as exportações da empresa devem se situar no mesmo nível de 1992, já que a retomada econômica está se dando com base na demanda do mercado interno.

CRESCIMENTO NA RHODIA

A Rhodia, que apresentou crescimento de 12% nos cinco primeiros meses de 1993 em comparação a igual período de 1992, espera fechar o ano com esse mesmo percentual de crescimento, ou pouco acima disso. "Vamos passar do US\$ 1 bilhão de faturamento líquido neste ano", prognosticou o presidente da empresa. Em 1992 a Rhodia teve faturamento líquido de US\$ 890 milhões.

Um dos segmentos que estão mostrando excelente desempenho é o daqueles produtos destinados à indústria automobilística. Atualmente, de 15 a 20% da linha de produtos da empresa "terminam em um automóvel", explicou Musa. "O potencial que a indústria automobilística possui de alavancar outros setores é imenso. O governo acertou ao reduzir um pouco os impostos sobre esse setor na Câmara Setorial porque está compensando essa redução recolhendo tributos sobre um mercado que vende mais."

FENIT

A Rhodia apresentou a Fenit/Fenatec, que está acontecendo no Parque Anhe a 20% da linha de produtos da empresa "termi-



Edson Vaz Musa

nam em um automóvel", explicou Musa. "O potencial que a indústria automobilística possui de alavancar outros setores é imenso. O governo acertou ao reduzir um pouco os im-

ABERTURA ECONÔMICA

O presidente da empresa fez uma explanação sobre o processo de abertura da economia iniciado pelo ex-presidente Fernando Collor de Mello, que considerou correto e adequado, mas reclamou que as condições prometidas para acompanhar esse processo — como a queda da inflação, a reforma tributária e a queda dos juros internos — não aconteceram. "Ao abriremos nosso mercado à concorrência de produtos têxteis estrangeiros com condições internas tão desfavoráveis, estamos colocando em risco entre 400 mil e 450 mil empregos na indústria têxtil brasileira", afirmou.

Musa defendeu que o governo adie a redução da alíquota de importação do setor têxtil de 25 para 20%, programada para ocorrer no próximo 1º de julho. "Temos que adiar essa redução, do contrário parte significativa do setor têxtil, que emprega entre 400 mil e 450 mil pessoas, poderá

ser comprometida", afirmou.

Para ele, as razões para o governo Itamar adiar a redução são evidentes. Com a recessão mundial, muitos países — principalmente do Sudeste asiático — estão com grandes excedentes de produção têxtil que estão tentando desovar em países que não são seus clientes tradicionais, como é o caso do Brasil. Essa produção têxtil do Sudeste asiático, ainda de acordo com Musa, chega ao Brasil pela metade do preço do produto nacional, por causa do baixo custo — direto e indireto — da mão-de-obra asiática.

Além do adiamento da redução da alíquota de importação, Musa sugere que o Brasil adote mecanismos de cotas para a importação de tecidos, como já fazem Estados Unidos e países da Europa. "A Europa está criando novamente seus mecanismos de proteção, e nós não podemos ser — justamente nós que temos inflação alta, juros altos e impostos altos — o país mais liberal do mundo", disse.